

Antonio Eudes Mota

Docência e Autismo:

percalços de uma educação inclusiva
concomitante com qualidade



AYA EDITORA

2024

Docência e Autismo:

percalços de uma educação inclusiva
concomitante com qualidade

Antonio Eudes Mota

Docência e Autismo:

percalços de uma educação inclusiva
concomitante com qualidade



AYA EDITORA
2024

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Autor

Prof.º Me. Antonio Eudes Mota

Capa

AYA Editora©

Revisão

O Autor

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora©

Imagens de Capa

br.freepik.com

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva

Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza

Centro Universitário Santa Amélia

Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos

Instituto Federal do Amapá

Prof.º Dr. Carlos López Noriega

Universidade São Judas Tadeu e Lab. Biomecatrônica - Poli - USP

Prof.º Dr. Clécio Danilo Dias da Silva

Centro Universitário FACEX

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria de Genaro Chirolí

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota

Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis

Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof.ª Ma. Denise Pereira

Faculdade Sudoeste – FASU

Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig

Universidade Federal do Paraná

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos

Universidade Federal do Amapá

Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva

Universidade Estadual de Londrina

Prof.º Dr. Gilberto Zammar

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, IF Baiano - Campus Valença

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza

Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso

Universidade de Santa Cruz do Sul

Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues

Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão

Faculdade Santa Helena

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior

Universidade Federal de Roraima

Prof.º Me. Jorge Soistak

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Ubajara

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti

Universidade Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim

Faculdade Sagrada Família e Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.ª Ma. Lucimara Glap

Faculdade Santana

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues

Universidade Norte do Paraná

Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa

Instituto de Tecnologia e Pesquisa, ITP

Prof.º Dr. Myller Augusto Santos Gomes

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes

Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Parauapebas

Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira

Instituto Federal do Acre

Prof.ª Dr.ª Rosângela de França Bail

Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares

Universidade Federal do Piauí

Prof.ª Dr.ª Silvia Aparecida Medeiros

Rodrigues

Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda Santos

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues

Instituto Federal de Santa Catarina

© 2024 - AYA Editora - O conteúdo deste Livro foi enviado pelo autor para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição *Creative Commons* 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Este livro, incluindo todas as ilustrações, informações e opiniões nele contidas, é resultado da criação intelectual exclusiva do autor. O autor detém total responsabilidade pelo conteúdo apresentado, o qual reflete única e inteiramente a sua perspectiva e interpretação pessoal. É importante salientar que o conteúdo deste livro não representa, necessariamente, a visão ou opinião da editora. A função da editora foi estritamente técnica, limitando-se ao serviço de diagramação e registro da obra, sem qualquer influência sobre o conteúdo apresentado ou opiniões expressas. Portanto, quaisquer questionamentos, interpretações ou inferências decorrentes do conteúdo deste livro, devem ser direcionados exclusivamente ao autor.

M917 Mota, Antonio Eudes

Docência e autismo: percalços de uma educação inclusiva concomitante com qualidade [recurso eletrônico]. / Antonio Eudes Mota. -- Ponta Grossa: Aya, 2024. 43 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-554-9

DOI: 10.47573/aya.5379.1.287

1. Educação. 2. Educação inclusiva. 3. Educação especial. 4. Autismo. I. Título

CDD: 371.9

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora LTDA

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

WhatsApp: +55 42 99906-0630

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

*Dedico este trabalho a todos os pequeninos
com transtorno do espectro autista,
essencialmente meus discentes queridos
Nicolas, e Junior que de modo silenciosos e,
até diversas vezes admiráveis, nos apresentam
um lado misterioso do ser humano.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
CONHECENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	15
Comando para Autistas: Principais Dificuldades	17
Sugestões de como Conquistar o Comando Instrucional da Criança	18
Controle para pessoas com TEA: Entenda Como os Sete Passos Podem Ajudar	18
Os Sete Passos para Conquistar o Controle Instrucional da Criança	19
Inclusão de Discentes com TEA em Escolas Públicas.....	20
A Importância da Escola no Desenvolvimento do Discente com TEA	22
Estratégias de Ensino para o Processo Educativo de Discentes com TEA.....	23
METODOLOGIA	26
Participantes da Pesquisa	26
Instrumento de Pesquisa.....	26
Contexto da Pesquisa.....	27
Procedimento	27
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29

O Autismo e suas Características na Concepção dos Docentes	29
Desafios Enfrentados pelos Docentes no Processo de Inclusão de Alunos com TEA...	30
Formação Continuada e Inclusão de Discentes com TEA	31
Práticas Pedagógicas Utilizadas para Promover a Inclusão	32
Medidas Necessárias à Inclusão de Alunos com TEA nas Escolas	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS	37
SOBRE O AUTOR	38
ÍNDICE REMISSIVO	39

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa alude sobre as estratégias utilizadas pelos docentes para viabilizar as crianças autistas o direito a uma inclusão com qualidade, da mesma forma que, os principais percalços enfrentados pelos docentes na investigação por uma educação inclusiva de qualidade.

Esta pesquisa legitima-se no interesse de examinar o porquê de numerosa ansiedade, incerteza e temor dos docentes em receber um discente com espectro do autismo em sala de aula, do mesmo modo que a importância de destacar a grande urgência dos profissionais da educação em se adentrarem mais nas pesquisas sobre o autismo e sua inclusão escolar.

Faz anos que discutimos sobre como atender discentes com deficiências e até este momento, procuramos respostas sobre qual é a estratégia a que mais se destaca para uma atuação docente adequada que viabilize às crianças portadoras de necessidades especiais, o direito a uma educação de qualidade.

Logo que o assunto é discentes autistas, percebemos uma enorme preocupação, temor e ansiedade, por parte dos docentes e certos até mantêm-se ao trabalho com estes discentes, com a incerteza de que forma fazer? O que fazer? Tais incontáveis dificuldades transportaram-me a fazer esta pesquisa, versando os principais percalços do docente e o autismo na sala de aula.

Atuando na docência há dezoito anos, em nenhum momento, tinha me defrontado com uma criança autista, simplesmente com discentes com síndrome de Down, com TDA, deficiência física, dislexia e TDAH. Mas nenhum caso me despertou tanto interesse, até conhecer Nicolas, meu primeiro discente portador do espectro autista.

Esclarecer o que moveu esse interesse, imagino que seria o evento de que desde o instante que mantive o contato com meu discente Nicolas, que fora diagnosticado autista, me sobreveio à preocupação de conhecer melhor esta síndrome. A partir deste momento, procurei informações sobre como lidar com autismo, e a pesquisar com mais entusiasmo a temática.

O trabalho que efetivei com crianças portadoras de necessidades especiais não foi acessível, constantemente procurava encontrar estratégias para chamar atenção e manter de certa forma o comando dos mesmos e excitá-los ao aprendizado, cada um dentro de suas particularidades. Durante a interação docente x discente, tentava conhecê-los e descobrir o que lhes era prazeroso, e a partir disso utiliza as ferramentas que seriam facilitadoras da aprendizagem e do desenvolvimento.

A instituição escolar como instrumento que legitima a prática pedagógica e a cumpridora direta pela formação cognitiva dos seus discentes, necessita superar a visão uniformizadora e procurar estratégias que venham garantir o direito da aprendizagem de todos os discentes. A escola não tem que considerar o diagnóstico de deficiência do discente como uma situação de inabilidade para desenvolver sua aprendizagem, entretanto deve procurar mecanismos e estratégias de que modo inserir esse discente em todo o trabalho escolar. Para esse fim, torna-se necessário acreditar que é possível. É necessário ver o discente como um ser capaz, independentemente de suas limitações.

O dinamismo de ensinar é um processo que precisa de interação entre docente e discente. Torna-se imprescindível conhecer nossos discentes para que consigamos desenvolver procedimentos metodológicos de aprendizagem que venham fazer com que o discente transforme-se num ser investigador, interativo, autônomo e proativo nas diversas formas de trabalho, tanto individual quanto em coletividade. Inúmeros docentes se sentem inseguros quanto à inclusão de discentes portadores de necessidades especiais, especialmente por falta de vivências e conhecimentos para lidar com alguns tipos de deficiências. De vez em quando, empenhando-se para fazer a inclusão deixa o discente muito à vontade, não utilizando as mesmas estratégias, ainda que adaptadas, ou igualmente solicitações prontas aos demais, não compreendendo que com esta atitude estar excluindo em lugar de incluir.

Em contra partida, não podemos esquecer que os percalços enfrentados pelos docentes na sala de aula são vastos e múltiplos. Verifica-se uma procura constante para que a inclusão transforme-se numa realidade em nossa sociedade. Ainda assim, fazer inclusão não tem transcorrido fácil, uma vez que a escola inclusiva tem que ser uma escola para todos, em outras palavras, aquela que se compromete num sistema educacional que

identifica e responde as diferenças peculiares respeitando as necessidades de todos os discentes.

Os docentes necessitam entender, desenvolver e aprimorar conhecimento e técnicas que proporcionem a inclusão de discentes com autismo visto que ainda é visível a discriminação e o processo praticado em muitos espaços.

As estratégias de atuação do docente numa classe com alunos autistas devem basear-se tanto em sua formação, como em sua sensibilidade e experiências, para proporcionar a este discente o que lhe é assegurado por lei, uma inclusão integral e com qualidade. Em vista disto, temos a improrrogável necessidade de incluir na programação das formações iniciais e continuadas destes profissionais mais cursos focados para esta especialidade.

A presente pesquisa segmenta em seis partes. A primeira parte aborda sobre a apresentação. A parte dois trata o respaldo teórico no qual são discutidos especificidades sobre o transtorno do espectro autista com fundamentação nas teorias apresentadas por Kanner (1996), Kelmam *et al.* (2010), Klin (2006) dentre outros que pronunciam-se sobre as complicações da educação inclusiva, seus anseios, dificuldades, e mais propriamente sobre as discussões científicas e pedagógicas no tocante ao autismo. Nesta parte aborda-se ainda sobre as essenciais dificuldades encaradas pelos docentes quanto à inclusão de discentes autistas nas escolas públicas, da mesma forma que as estratégias principais que devem ser utilizadas para consolidar na inclusão de discentes autistas nas escolas públicas. Ressalta-se ainda o anseio da escola de modo geral sobre o acolhimento de discentes portadores de necessidades especiais.

A terceira parte refere-se as finalidades que se pretende atingir por intermédio desta pesquisa. A quarta parte pronuncia-se sobre a metodologia utilizada no estudo e que foram fundamentais para a análise dos questionamentos empregados para a construção da pesquisa. Nesta parte além disso, são apresentados o contexto espacial do estudo, seus participantes e os argumentos dos resultados. Na quinta parte são examinados os resultados do estudo e mostrados os argumentos fazendo uso da confrontação teórica. Para concluir, na sexta parte mostram-se as considerações finais e sugestões para possíveis futuros estudos pertinentes ao autismo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Sistema Político Nacional de Educação Especial Inclusiva (Brasil, 2008) e a legislação educacional em vigor no país, asseguram ao cidadão com autismo o direito à educação e a inclusão escolar. Em consideração a isso, mostrou-se a necessidade de realizar este estudo sobre a docência e o autismo, com o objetivo de investigar mais de perto como ocorre a inclusão de discentes autistas. Uma vez que é de essencial importância ressaltar que existe uma enorme necessidade dos profissionais da educação primordialmente os docentes em se aprofundarem mais nas pesquisas sobre autismo e a inclusão de discentes autistas na escola.

A definição do autismo iniciou-se no primeiro relato publicado por Leo Kanner, em 1943, no artigo denominado: Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo (Autistic disturbances of affective contact), na revista *Nervous Children*, número 2, páginas 217-250. Numa primitiva publicação, Kanner (1943) destaca que o sintoma principal, “o isolamento autístico”, encontrava-se presente na criança a partir do começo da vida recomendando que se lidava portanto de um distúrbio inato. Nela, relatou as ocorrências de onze crianças que possuíam em consuetudo um isolamento excessivo desde o início da vida e um desejo compulsivo pela conservação da rotina, intitulando-as de “autistas”.

Em conformidade com Bosa (2002), são denominadas autistas as crianças que dispõem de inadaptação para determinar conexões normais com o outro, uma tardança na aquisição da linguagem e, no momento em que ela se desenvolve, uma incapacitação de lhe dar um valor de comunicação. Tais crianças manifestam da mesma forma ideias repetitivas gestuais, uma exigência de conservar inalterável seu ambiente material, mesmo que forneçam provas de uma memória continuamente notável. Divergindo com este quadro, elas dispõem, a considerar por seu aspecto exterior, um semblante inteligente e uma fisionomia física normal.

A autora além do mais, destaca a grande originalidade de Kanner, que foi a de particularizar, em uma turma de crianças que a ele foram enviadas, seja por fragilidade mental ou esquizofrenia, uma síndrome recente compondo sinais clínicos específicos, iniciando um quadro clínico inteiramente à parte e distintas das síndromes psiquiátricas preexistentes. O relato de Kanner estruturava-se em volta do distúrbio central que é “a inabilidade das crianças em determinar conexões normais com os indivíduos e em contrapor-se normalmente aos episódios desde o início da vida”. Para caracterizá-lo atribui o termo autismo, que anteriormente existia, de acordo com Bosa.

Esse termo na verdade, deriva do grego (autos = si mesmo + ismo = disposição/ orientação) e foi tomado emprestado de Bleuler (o qual, por sua vez, subtraiu o “eros” da expressão autoerotismus, cunhada por Ellis, para descrever os sintomas fundamentais da esquizofrenia (Bosa, 2002, p.26). Kanner mostrava a importância que queria atribuir à noção de afastamento social. Lamentavelmente, a definição de autismo outorgado a Bleuler foi a causa de confusão, como o fez observar Rutter (1979): “de acordo com a definição de Bleuler, o autismo nos esquizofrênicos se atribui a uma contração ativa da imaginação”.

Sem dúvida propõe, primeiramente, "uma contração" afastada das conexões sociais por outro lado Kanner descreve uma inaptidão de desenvolver o entrosamento social; em segundo lugar, ele ocasiona uma vida imaginária rica, em contrapartida que as observações de Kanner insinuam uma inexistência de imaginação; em terceiro lugar, ele reitera uma associação com a esquizofrenia dos adultos. São tais conflitos que evidenciam o fato de os psiquiatras terem certas vezes, empregado de maneira trocável os diagnósticos de psicose infantil, esquizofrenia infantil e de autismo.

CONHECENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Existem diversos pesquisadores que buscam explicações para as justificações e consequências do autismo. Entretanto limitados são os avanços sobre de que modo ou porque as justificações desse transtorno. Compreender esta síndrome torna-se um desafio enfrentado por vários estudiosos que procuram respostas ainda não descobertas. Certas características são bem gerais e acentuadas, tal como:

Inclinações ao isolamento, privações de movimento proativo, complexidade na comunicação, variações na linguagem, com ecolalia e modificação pronominal, contrariedades comportamentais com atividades e movimentos repetitivos, persistência a modificações e limitação de atividade espontânea. Bom potencial cognitivo, embora não demonstrassem. Competência de memorizar enorme quantidade de material sem sentido ou resultado prático. Contrariedade motora global e problemas com a alimentação (Kanner, *apud* Menezes, 2012, p. 37).

Ante o exposto, identifica-se que o autista necessita ser compreendido em seu âmago e ser considerado como indivíduo capaz de desenvolver inteligência mediante estratégias apropriadas. Possuir sensibilidade e perspicácia para trabalhar com discente autista e detectar suas aptidões e habilidades, torna-se imensamente prazeroso e de essencial relevância na vida profissional do docente.

Por intermédio do apoio teórico de Kanner (1996), o qual foi o primeiro a descrever o quadro clínico, atribuindo-lhe o nome de autismo infantil precoce e produziu a inaugural publicação clínica validada sobre a temática, datada em 1943. O autismo tem constituído um tema desafiador para os pesquisadores de todos os campos, pela falta de saber mais aprofundado sobre suas particularidades e como trabalhar com estes pacientes.

Em conformidade com o autor:

[...] o denominador comum de tais pacientes torna-se sua impossibilidade de determinar desde o início da vida, interações possíveis com indivíduos e situações (...) estimam ser deixados sozinhos, agindo como se os indivíduos em volta não estivessem ali (...) a maioria das mães evidenciam a perplexidade ocasionadas pelo fato

de os filhos, distintos dos demais, não almejem ser abraçados e não permitem receber colo (Kanner, 1966, *apud* Kelman *et al.*, 2010, p. 224).

Em tempo oportunamente, outros estudiosos e pesquisadores da mesma forma, foram desenvolvendo seus aprendizados como Klin (2006) que classificou crianças com autismo conforme suas individualidades; com algumas alterações, como por protótipos, comparando o autismo a um déficit cognitivo, tendo em vista, não uma psicose mais sim um distúrbio do desenvolvimento. Tal ideia do déficit cognitivo vem tornando-se reforçada por vários estudiosos até os dias vigentes.

Do modo que vivem em um universo muito confuso, torna-se compreensível que crianças autistas pretendam prender-se às poucas coisas que conseguem compreender. Elas preferem manter as mesmas rotinas, uma ligeira ou leve mudança pode provocar gritos e acessos de fúria. Da mesma maneira se tornam muito apegadas a objetos, que podem ser brinquedos simples ou objetos aparentemente sem muito encanto (Gauderer, 1985, p. 119).

Em razão destas particularidades as crianças autistas são diversas vezes deixadas de lado, sem o cuidado dos docentes. O isolamento destas crianças muitas vezes é visto com descaso, ou como algo sem jeito. Inclusive muitas famílias menosprezam ou deixam tais crianças apáticas isoladas, no seu universo, sem procurar meios para conduzi-las a interagir ou à socialização.

De acordo com Klin (2006) os autistas toleram ser agrupados em conformidade com suas particularidades comportamentais que permitem classificar seu nível de severidade. No grupo classificado severo temos as crianças com comprometimento maior, um intermediário e por último grupo com comprometimento mais leve.

Em concordância com o autor:

Existe uma variação notável de sintomas no autismo. Os discentes (crianças) com desempenho mais baixo são alto de desempenho e são pouco mais velhas, sua forma de vida social é distinta, no ponto de vista de que elas podem interessar-se pela interação social, no entanto não podem iniciá-las ou conservá-las de forma peculiar. A forma social de tais crianças foi denominado 'ativo, porém estranho, na perspectiva de que elas geralmente têm dificuldade de manter a interação social após essa ter iniciado. As particularidades comportamentais do autismo se modificam durante o curso do desenvolvimento (Klin, 2006, p. 8).

Ofertar a todos os autistas uma única proposta educacional torna-se um desrespeito a particularidades destes. Uma vez que são as características do indivíduo que determinam a intensidade e diversidade de intervenções pedagógicas, que necessitam para o desenvolvimento de seu processo educacional. Diante do exposto, percebe-se a

urgente necessidade de inovação e adequação do sistema educacional quanto a adaptação de currículos, formação de docentes e cuidadores, a fim de atender peculiaridades dos discentes autistas.

Comando para Autistas: Principais Dificuldades

Diversos pais de autistas experimentam dificuldades quando emite um comando e eles não acatam. Essa cena também ocorre como os profissionais que acompanham a criança, como é o caso dos docentes e mediadores/cuidadores. Cotidianamente, tais profissionais têm algumas indagações e dúvidas sobre de que forma fazer a criança acatar um comando. Sob outra perspectiva, é a dificuldade de a criança conservar-se sentada, como usar o banheiro, jogar-se no chão e entre outros pontos vivenciados por esses profissionais todos os dias. A indagação principal é: o que é necessário fazer para conquistar o controle instrucional da criança?

Para os pais, docentes e cuidadores é difícil que a criança aceite o controle instrucional de maneira funcional, uma vez que para ela aprender a acatar comandos é necessário percorrer por alguns processos importantes até ela construir essa habilidade. Quando a criança apresenta dificuldades no processo de aprendizagem e atraso no desenvolvimento do seu holos (totalidade) torna-se um processo mais enigmático, no entanto não impossível. Por essa razão, tal criança necessita ser acompanhada por uma equipe multidisciplinar, a colaboração e participação da família no contexto escolar, profissionais com formações de qualidade, empatia e paciência.

O fato de a criança autista ter dificuldades de atender aos comandos, não significa que ela não consiga. O que elas precisam realmente são de profissionais engajados em ajudá-las e, principalmente, que se crie possibilidades para que elas se desenvolvam, respeitando seu tempo e espaço. Portanto, seja o profissional que vai marcar positivamente a vida dela.

Sugestões de como Conquistar o Comando Instrucional da Criança

Nesta ocasião vamos interpelar os caminhos de como conquistar o comando instrucional da criança. Em primeiro lugar, é considerável ter paciência, uma vez que trabalhar essa questão é um processo que é possível ser feito passo a passo. E para que o comando instrucional seja permanente é fundamental investir em complementações na medida que requisitar comandos para autistas simples, por exemplo no meio de uma brincadeira e atividade.

À vista disso, requisite comandos que a criança já o faça. Como são comandos que ela de certa forma já conhece e aceita é mais simples para corroborar. Dessa maneira, as atividades ficarão mais divertidas para elas. No decorrer do tempo o profissional pode avançar no nível de dificuldade das instruções e atividades, quando perceber que a criança está mais preparada para acatar as demandas.

Cada uma criança com autismo vai reagir de uma maneira em relação a essas particularidades. Algumas conseguem manter definitivamente esse relacionamento com os cidadãos do seu convívio. No entanto, já outras crianças com autismo precisam de outras intervenções e técnicas complementares para aprender a aceitar comandos.

Em conformidade com o site IEAC, existem sete passos para criança com autismo aceitar o comando instrucional definitivamente. Tem como finalidade auxiliar a família, os docentes e cuidadores que pode ser utilizado também por outros profissionais, como coordenadores pedagógicos para ajudar nesse desafio.

Controle para pessoas com TEA: Entenda Como os Sete Passos Podem Ajudar

Quando utilizado esses sete passos sistematicamente no espaço que a criança está inserida torna-se mais categórico. Em vista disso, não será mais preciso controlar o sujeito ativamente, pois quando esses sete passos são aplicados positivamente a criança naturalmente vai participar das atividades, vai interagir com o outro e seguirá os comandos.

Os funcionamentos e comandos mais complicados não será um desafio para

criança, uma vez que ela irá se comprometer mais nas tarefas. Por que será que isso ocorre? Em razão de utilizar esses passos a criança tornar-se-á mais hábil a interagir com o outro. Somente a partir desse ponto, de relacionamento com a criança, essa permuta, que será viável ensinar fora das limitações da criança, do que ela habitua-se aprender. Nesta situação, cabe a questão de sair da zona de comodidade e ir para a zona do excitamento. Torna-se significativo ter cuidado para não desequilibrar a criança.

O mistério de um bom entusiasmo é deixar as crianças o mais ponderadas e felizes possível, entretanto, dentro de uma dieta de entusiasmo. Oferecer estímulos de uma forma que não a desequilibre, que saia da zona de conforto, no entanto que não a sobrecarregue (Gaiato, 2018, p. 80).

Torna-se fundamental ensinar a questão do trabalhar para conquistar. Quando a criança desejar algo, ela necessita primeiramente fazer algo para conquistar, como uma recompensa. O ponto principal para instruir intervenções que almeja aumentar é utilizando essa abordagem. Essa estratégia é usada na terapia ABA. Experimente utilizar os sete passos para conquistar o comando com criança com autismo de forma que ela compreenda que tem que aceitar os comandos requisitados.

Os Sete Passos para Conquistar o Controle Instrucional da Criança

I. É significativo a criança compreender que o profissional, docente/cuidador está no comando diante dos objetos que ela deseja. Em vista disso, você decide quando ela pode acessar tais materiais.

II. Antes de tudo seja gentil com a criança, pois é fundamental que ela sinta que você está ali para ajudá-la. Nos períodos de interação transforme essa experiência enriquecedora e encantadora. Dessa forma, a criança encontrar-se-á mais apta a passar mais tempo com você, a aceitar seus comandos e partilhar vivência.

III. A criança com autismo precisa sentir que você é confiável e está ali para ela, mas quando der um comando ela precisa entender que o reforçador será entregue quando a atividade for feita de forma adequada. Caso a criança necessite de ajuda você pode auxiliar.

IV. É essencial que a criança entenda que quando cumprir um comando vai

conquistar um reforçador. Sendo assim, será vantajoso para criança. Nesse caso, ela vai aceitar, uma vez que sabe que será beneficiada com o que almeja. Compreendendo isso, passe exercícios simples e a cada atividade feita reforce com o que a criança goste.

V. No começo quando a criança estiver aprendendo sobre seguir comandos reforce cada demanda cumprida. E em seguida do comportamento determinado diminua a frequência de comportamento.

VI. Expresse que você sabe os interesses e necessidades da criança. É significativo saber o que ela aprecia, não aprecia, em primeiro lugar, o que necessita aprender.

VII. Por fim, a criança necessita entender que ao recusar o comando ou realizar comportamentos inadequados não vai ganhar o reforçador. Por esse motivo, a importância de saber o que a criança aprecia e tem interesse.

Inclusão de Discentes com TEA em Escolas Públicas

Torna-se notável o número de discentes autistas nas escolas públicas. Pesquisas comprovam que a intervenção educacional tem demonstrado impactos positivos no aprendizado, no desenvolvimento e na participação de tais discentes. Kelman (2010) discorre a inclusão num ponto de vista dialógico em que são pensados e discutidos as situações que abrangem a inclusão, da mesma forma possíveis soluções, corroborando ainda para enriquecer esta pesquisa.

Ainda assim, para que esses discentes recebam essa merecida atenção é necessário que as escolas se usurpem de verdade e de direito de uma política educacional que oportunize formações adequadas aos docentes como também, a apropriação de um projeto político pedagógico que vise garantir um atendimento respeitando as particularidades de cada discente de modo que lhes traga um desenvolvimento positivo e um ensino de qualidade.

Em conformidade com Beyer (2006), os docentes se sentem de certa forma despreparados. Segundo o autor, faltam a estes um melhor entendimento, absorção acerca da proposta de inclusão escolar, melhor formação teórica, conceitual e condições mais apropriadas de trabalho. Essas considerações nos levam a refletir sobre a forma

como o espectro do autismo desafia a comunidade escolar. Então surge a pergunta: Se há profissionais então qual é o problema? Porventura seria a falta da construção de conhecimentos, de pesquisas na âmbito?

Serviu-se ainda dos estudos de Gauderer (1993), pesquisador que se aprofundou no estudo e análise em busca de compreender o comportamento das pessoas autistas; da mesma forma os trabalhos desenvolvidos por Baptista (2006), que discorre sobre a importância de um currículo flexibilizado para facilitar o trabalho realizado pelos docentes no atendimento a discentes autistas.

E Correia (2008), que aborda os desafios necessários para a implantação da educação inclusiva nas escolas, mostrando que a educação inclusiva vai mais à frente da acessibilidade, é necessário sensibilidade e modificações de concepção, ajustes curricular e estudos (formação) adequados para os profissionais.

Outro pesquisador aplicado foi Beyer (2007), que discorre sobre a evolução do processo inclusivo de discentes com deficiências nas salas de aula comuns. Ele versa ainda a enorme preocupação que deve haver em relação a necessidade de preparo ou lentidão na construção de conhecimentos de docentes para trabalhar com discentes portadores de necessidades especiais.

Em vista disto, percebe-se a necessidade de mais preparo dos profissionais da educação que devem ter formação adequada para receberem estes alunos. Que os mesmos não só sejam matriculados, mas tenha seus direitos garantidos, uma educação de qualidade.

Considera-se que o docente é o principal responsável em tornar possível a socialização da criança com autismo na sala de aula e adequar metodologias que venham atender as necessidades dos mesmos. Em razão de que é ele quem recebe e determina o primeiro contato com a criança, quer seja ele positivo ou negativo, dessa maneira é do docente o desafio de efetivar o processo de inclusão, considerando que é sua obrigação criar estratégias de desenvolvimento que responda as exigências de todos os discentes.

É de referir a importância de o docente detectar as dificuldades de seus discentes, uma vez que é indispensável que ele conheça todas as características e tenha um pleno conhecimento do que é o autismo para que haja propriedades nas práticas aplicadas que

visem na inclusão e no desenvolvimento dos discentes. Instruir-se para auxiliar vai fazer enorme diferença na vida destes discentes que muitas vezes passam preconceitos ou discriminação devido suas particularidades. Além da acessibilidade, é preciso sensibilidade e mudança de concepção, adaptação curricular e formação adequada dos profissionais.

A Importância da Escola no Desenvolvimento do Discente com TEA

A instituição escolar inclusiva deve ser aquela que importuna num sistema educacional que identifica e atende as diferenças peculiares, respeitando as necessidades de todos os discentes. O docente como os demais membros da escola comprometidos com uma educação com qualidade deve estar requalificando sua atuação como facilitador do processo ensino aprendizagem para identificar as necessidades educacionais e apoiar os discentes em suas dificuldades.

O autista encontra dificuldade em se conectar ou se comunicar com outros indivíduos, visto que ele não utiliza a fala como um mecanismo de comunicação. Não se comunicando com outros indivíduos acaba passando a impressão de que o indivíduo autista vive sempre em um universo próprio, elaborado por ele e que não há interação fora dele (Menezes, 2012, p. 25).

Desta forma, cabe a escola promover a interação social entre o discente autista e os demais discentes considerados “normais”, para que assim o desenvolvimento de habilidades relacionadas a linguagem sejam desenvolvidas. O docente deve desafiar o discente autista a participar de atividades interativas, favorecendo a comunicação entre todos os discentes.

No momento em que a criança autista frequenta a escola e é atendida por profissionais preparados, ela recebe enorme benefício. O simples episódio de ter perspectiva de interagir com outros discentes da mesma idade lhe oportuniza momentos de conquistas, descobertas e aprendizado, apesar de muitas vezes esse progresso se torne imperceptíveis de compararmos com a padronização. Entretanto segundo a peculiaridade, ele tem progressos notáveis sim, em curto prazo. Para isto, as instituições escolares precisam estar preparadas estruturalmente e profissionalmente para isto.

É competência da escola adaptar-se para receber às capacidades e exigências do estudante na classe comum, impulsionando ações e práticas heterogêneas que, além do acesso, proporcione condições de permanência bem-sucedida no enquadramento escolar (Kelman *et al.*, 2010, p. 226).

Identifica-se que o espaço escolar, como uma instituição da sociedade detém a obrigação de adaptar e oportunizar aos discentes autistas a possibilidade de relacionar-se socialmente. E para que isso aconteça é necessário que a comunidade escolar, principalmente os professores tenham conhecimento do que é autismo, mas na maioria dos casos encontramos docentes despreparados e alheios ao assunto. Para Correia (2008), com a educação inclusiva surgem maiores exigências e desafios para as escolas e para os docentes. É necessário que, os intervenientes educativos programem um currículo que atendam às características dos discentes.

'Habilitar os docentes e as escolas a trabalhar com um currículo que atendam a estas exigências é, portanto, o enorme desafio que se posiciona à própria escola e aos serviços de suporte'. Planejar a aprendizagem e envolvimento de todos os discentes sem recorrer aos resultados categorizadas e pré-determinadas, procurar as melhores maneiras de adaptar ou transformar o currículo à diversidade das exigências dos discentes, trabalhar em articulação com outros profissionais ou serviços, promover a colaboração e partilha de informações e experiências entre professores, dinamizar a produção de materiais curriculares, a observação mútua de aulas, a emergência de parcerias pedagógicas, incentivo a experimentação e inovação pedagógica (Correia, 2008, p. 47).

A oferta de um trabalho interdisciplinar no âmbito escolar pode trazer muitos benefícios para os discentes com necessidades especiais. A escola deve se adequar para atender todos os discentes independente de suas diferenças. Portanto, deve haver a preocupação principalmente com a capacitação de seus docentes, uma vez que estes é que irão intermediar o processo educativo na sala de aula.

Estratégias de Ensino para o Processo Educativo de Discentes com TEA

A função da escola é de fundamental importância para o desenvolvimento de todos os discentes. Buscar conhecer mais sobre o assunto, ter uma perspectiva inclusiva e preparar o quadro de docentes para trabalhar com discentes autistas é um importante começo. Aliado a isto, a busca de estratégias metodológicas de interação e desenvolvimento de todos os discentes deve ser alvo constante de uma escola inclusiva.

Na tentativa por mecanismos e estratégias para o trabalho com discentes autistas acredita-se que depende de certa forma da disposição, persistência, sensibilidade e disponibilidade do docente em manter-se informado sobre as contemporaneidades no

âmbito. O docente ao se planejar deve pesquisar estratégias de ensino que poderá adotar para adaptar o conteúdo, eleger os recursos pedagógicos e o procedimento didático a ser usado de forma que ocorra o favorecimento da aprendizagem de todos os discentes. Uma sociedade inclusiva conceitua o cidadão portador de necessidade especial com direitos iguais aos considerados “normais.” Para isto, devem ser articuladas ações nas diferentes áreas sociais buscando romper com a cultura do preconceito contra as pessoas deficientes.

Conforme Baptista (2006):

[...] o comprometimento do docente tem como sustento a apropriação de seus próprios recursos e ferramentas: a análise, o diálogo, a negociação, ajustes e a avaliação retroalimentam o proceder do profissional, no caso o docente'. Em vista disso, o docente tem que reexaminar as informações, saber e ter emotividade para tratar com as deficiências e exigências do discente. Não é o bastante ter formação, o lado humanístico tem de estar presente em qualquer atividade executada (Baptista, 2006, p. 93).

Outro ponto de vista não menos importante é a elaboração flexibilizada do currículo, que tem de atender as particularidades regionais e as singularidades de cada turma, não sendo capaz de esquecer a qualidade na educação.

Segundo Correia (2008) *apud* Morgado (2011, p.8):

Tornar menos rígido o currículo, para atender a cada caso peculiar - comunidade, religião, língua, etnia, exigência específica - não é ficar preso a temáticas predefinidas e a ritmos e táticas de aprendizagem inflexível, no entanto, antes adaptar as temáticas, ritmos e tendências de aprendizagem, às circunstâncias concretas de cada grupo, subgrupo ou cidadão.

A escola precisa inteirar-se bem seu alunado com interesse de melhor atendê-lo por intervenção de suas reais exigências, sem renunciar em momento algum da qualidade da educação ofertada. Trabalhar com discentes autistas requer o máximo de desenvolvimento de práticas e estratégias pedagógicas que amparem a todos e respeite às diversidades.

A inabilidade de desenvolver uma interação entre pessoas se apresenta na inexistência de feedback ao contato humano e na importância pelas pessoas, relacionada a uma incorreção no desenvolvimento do comportamento normal, de convergência ou contato. Na infância, tais deficiências se evidenciam por uma inadequação na forma de se aproximar, inexistência de contato visual e de resposta facial, insensibilidade ou repulsão a afeto e contato físico (Gauderer, 2011, p. 14).

Tal comportamento por diversas vezes pode não ser entendido pela comunidade escolar. As demonstrações decorrentes do autismo são capazes de levar ao sentimento de recusa por parte de quem não identifica as peculiaridades deste transtorno. Por essa razão, o desafio de trabalhar com um discente autista é enorme, exigindo satisfatório conhecimento e

habilitação para seu acompanhamento, além do mais, formação acadêmica, a sensibilidade e acuidade do docente são extremamente necessárias para entender e facilitar o trabalho com o discente autista.

Instruir uma criança, por mais insociável que seja, amplia o sentimento de amor na maioria dos indivíduos. Os pais consideram que a criança é parte deles e da família, não aceitando que ela vá embora. Além do mais, a criança autista é capaz de ser bastante cativante e sua própria inabilidade e confusão faz nascer emoções marcantes nos que lidam com ela. Então, quando começam a progredirem, a alegria que cada pequeno passo avante dar, parece muitas vezes maior do que é dado por uma criança normal (Gauderer, 2011, p. 127).

A educação torna-se relevante na vida de qualquer cidadão, por esse motivo, o progresso dos discentes autistas se torna ainda mais decisivo, dada as circunstâncias inúmeras vezes incompreensíveis enfrentadas por estes e por suas famílias.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada nessa pesquisa teve como sustentação o estudo de campo realizado em uma escola pública municipal de Redenção - CE.

Para alcançar os resultados foi utilizada a metodologia da pesquisa qualitativa. A mesma teve caráter descritivo e exploratório, que levou o sujeito pesquisado a refletir e se expressar de forma espontânea sobre a temática em questão sem a presença do pesquisador.

A ferramenta utilizada neste campo foram os questionários, desenvolvidos com perguntas compreensíveis e objetivas. O mesmo serviu como suporte necessário para explicar os motivos da pesquisa.

No caso da pesquisa qualitativa, o pesquisador se livra de qualquer preocupação quantitativa, preocupando-se simplesmente em absorver informações que me trouxessem maior profundidade nos pontos de vista mais relevantes, como parte elucidativa do fenômeno contemplado.

Participantes da Pesquisa

Para realizar a pesquisa foi selecionado dois docentes da sala comum, um da sala de multimeios. As crianças selecionados foram os da sala do 3º ano B, e sala de recursos, os professores com formação em Pedagogia e História. Possuíam também, especialização em neuropsicopedagogia e certa experiência na área pedagógica, principalmente por estarem no momento atendendo o público alvo da pesquisa.

Instrumento de Pesquisa

Para a realização deste trabalho foi aplicado um questionário de pesquisa para posterior análise à luz das teorias estudadas sobre a temática. Em conformidade com Lakatos e Marconi (2010, p. 190): “o questionário torna-se uma ferramenta constituída por um encadeamento de perguntas, que devem ser replicadas por escrito”, que devem ser

replicadas por escrito e sem a presença do pesquisador. Segundo os mesmos autores os questionários são capazes de serem classificados quanto ao tipo de perguntas, em questionário com perguntas fechadas, abertas ou dependentes. Empregaremos neste estudo o questionário do tipo especulativo com perguntas abertas possibilitando aos participantes a colocar suas opiniões a respeito da temática pesquisada.

Pretendendo informar e possibilitar os participantes da pesquisa serão encaminhados aos mesmos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pedindo a autorização e desimpedimento dos participantes da pesquisa e ainda contendo informações claras sobre o que será realizado e a finalidade da pesquisa.

Em companhia de um questionário é recomendado enviar uma nota ou carta esclarecendo a natureza da pesquisa, sua importância e a exigência de obter respostas, buscando despertar a relevância do receptor para que o mesmo responda e faça a devolutiva do questionário dentro de um espaço de tempo plausível (Marconi e Lakatos, 1999, p. 100).

O diagnóstico das respostas dos questionários fará comprovação ou não às hipóteses levantadas e servirão de análises à luz dos pontos de vista teóricos empregados nesta pesquisa.

Contexto da Pesquisa

A pesquisa aconteceu em uma escola municipal urbana na cidade de Redenção, estado do Ceará. A própria usufrui de um quadro docente de 29 professores, de sala habitual e três na sala de multimeios e conta ainda com 35 cuidadores (as). A referida escola atende a 330 discentes matriculados nos turnos matutinos e vespertinos, dentre eles 40 são laudados (deficiências diversas) e 17 são autistas. No maior número dos casos, filhos de genitoras do lar, diaristas ou assistidas pelo programa Bolsa Família.

Procedimento

1º Momento: Uma conversa com a gestão escolar, para a apresentação do projeto e solicitação de homologação para pesquisa.

2º Momento: reunião com os participantes da pesquisa e apresentar o projeto para que todos compreendam o propósito do mesmo e assinem a ficha TCLE para a execução do trabalho.

3º Momento: Entrega do questionário para os professores selecionados.

4º Momento: Estruturação dos dados recolhidos e começo da análise por meio de classes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi desenvolvida por meio da aplicação de um questionário de consulta aplicada aos professores a fim de coletar informações mais precisas e consistentes a respeito das estratégias utilizadas nas salas e os principais desafios do professor para uma inclusão de qualidade. Com respaldo nas afirmações de Triviños (1987), o pesquisador pode e deve utilizar-se de métodos e técnicas, como entrevistas e questionários para confirmar suas hipóteses; decidiu-se nesta análise pela utilização de um questionário com perguntas com margem para registro de opiniões dos entrevistados. A seguir serão analisadas por classes as respostas dos professores.

O Autismo e suas Características na Concepção dos Docentes

De acordo com as respostas, pode-se observar que os professores, apesar de não apresentarem conceitos semelhantes, mostram conhecer o transtorno do espectro autista e suas características. Vejamos os relatos de alguns docentes:

—“É um distúrbio ou transtorno psicológico que se evidencia pelo recolhimento de um indivíduo ao seu universo interior com anulação do contato com o universo exterior, o que causa contrariedades na comunicação social.” (Relato 1)

—“Algumas das características do autismo são a falta de contato e comunicação com os demais colegas, a falta de socialização com as do seu convívio, inclusive com as próprias pessoas da família, a falta de nexos com a realidade do mundo exterior etc.” (Relato 2)

Nestes relatos percebe-se que os docentes possuem um certo conhecimento do conceito do autismo, revelando que já procuraram conhecer melhor sobre este transtorno e suas particularidades. Tais conhecimentos são capazes de contribuir no trabalho produzido em sala de aula, na perspectiva de estratégias e na própria intervenção/mediação com o discente.

Segundo Gauderer (1993):

O Transtorno do Espectro Autista é uma incongruência no desenvolvimento que se exterioriza de forma grave por toda a existência. [...]. Uma inépcia na funcionalidade social da linguagem da mesma maneira que problemas graves de interação social (Gauderer, 1993, p. 34).

Convém destacar a importância dos professores conhecerem bem as características do autismo, o que pode ser considerado benéfico para o processo inclusivo dos alunos.

Conforme ainda afirma Gauderer (1993):

‘Os indícios [...] englobam: distúrbio no andamento de surgimento de habilidades físicas, sociais e linguísticas [...]’, tal transtorno transfere preocupantes desafios ao docente, que para desenvolver em harmonia o seu trabalho, compete conhecer bem as peculiaridades destas crianças com o propósito de trabalhar práticas pedagógicas inclusivas com propriedade e tranquilidade, objetivando o desenvolvimento e aprendizagem (Gauderer, 1993, p. 4).

A escola de certa forma, marca a criança seja ela autista ou não, pelas suas práticas e ações pedagógicas.

Desafios Enfrentados pelos Docentes no Processo de Inclusão de Alunos com TEA

De acordo com os docentes vários são os desafios que enfrentam para efetivar a inclusão de alunos autistas na escola. Pôde-se perceber que embora se fale muito em inclusão de alunos especiais, para estes professores as dificuldades são várias e que podem resultar em um trabalho não muito adequado para o processo inclusivo. Na realidade ainda existem muitos entraves que dificultam o trabalho realizado pelos docentes. Como exemplo, segue o relato de uma das docentes questionadas:

—“Enfrentei dificuldades relativas à socialização e interação com o discente; ausência de uma mediadora (só veio depois de alguns meses); senti dificuldades em fazer as intervenções adequadas por falta de capacitação para trabalhar com discentes com transtorno do espectro autista”. (Relato 03)

Este relato aponta que a insegurança do docente quanto ao atendimento do discente autista está mais vinculada à inexistência de formação e conhecimento referente à educação especial. Segundo Beyer (2007, p. 12): “os docentes se sentem despreparados [...]. Carecem a eles uma melhor compreensão com relação à sugestão de inclusão escolar, melhor estruturação e formação conceitual além de condições mais satisfatórias

de trabalho”. Estas com convicção são os maiores desafios dos docentes no processo da educação inclusiva. A perspectiva da educação inclusiva nacional deve focar não somente a matrícula do aluno na escola, mas também o preparo do contexto da comunidade escolar a fim de recebê-lo e incluí-lo de fato no processo educativo.

Para Beyer (2007):

O docente em sala de aula é peça fundamental para que a ação educativa junto aos discentes com necessidades educacionais especiais tenham margem razoável de sucesso. Desta forma, tanto a formação inicial quanto a formação continuada do docente em serviço deve abranger conceitos e uma realização pedagógica que foquem as condições para uma ação educativa plausível com o projeto de inclusão (Beyer, 2007, p. 80).

Torna-se necessário que a prática do docente seja continuamente sustentada com um apresto teórico, metodológico e funcional que lhe disponha segurança para executar na sala de aula estratégias inclusivas. Para fazer uso de estratégias de inclusão em sala de aula é necessário conhecê-las bem, conhecer suas finalidades e da mesma forma, conhecer bem as peculiaridades de seu discente. Não é coerente utilizar uma estratégia simplesmente porque deu certo na sala do outro docente. Devem-se respeitar as peculiaridades e necessidades do discente com transtorno, empregando meios e/ou adaptando-os para que este se sinta incluído no processo educativo.

Formação Continuada e Inclusão de Discentes com TEA

Analisando os relatos verificou-se a necessidade de mais formação e conhecimento por parte dos docentes em relação a discentes com Transtorno do Espectro Autista. Precisam de mais apresto dos docentes para que estejam aptos para proporcionar aos discentes autista o que lhe é assegurado por lei, o direito de instruí-lo e viver em sociedade. Conforme o relato abaixo, percebemos que falta empenho mais direcionado na formação de docentes para trabalhar com discentes com transtorno/autismo:

—“Não dispus de nenhuma formação ou habilitação específica para trabalhar com discentes autistas. Quanto ao conhecimento teórico tive algumas orientações por parte da equipe pedagógica da escola e também fiz pesquisa sobre o tema”. (Relato 04).

Para um docente que busca construir conhecimentos, já não é tão fácil efetivar o

processo de inclusão destes discentes, quanto mais para aquele que não tem conhecimento algum sobre o Transtorno do Espectro Autista, e não recebeu nenhuma formação focada para a temática. Isto espelha notadamente no resultado do seu trabalho em sala de aula. Veja relato abaixo:

—“Me sinto insegura e isto me leva a buscar conhecer mais sobre o Transtorno do Espectro Autista. Da mesma forma, busco planejar semanalmente atividades atraentes para que meu discente autista alcance o desenvolvimento” (Relato 05).

Desta forma, o docente não pode ficar parado, mas deve buscar manter sua formação continuada sempre ativa, agregando novos saberes à sua práxis pedagógica. Assim, terá condições de trabalhar com discentes com transtornos e incluí-los no contexto da educação inclusiva.

A maior parte dos docentes demonstraram insegurança por não ter conhecimentos razoáveis para trabalhar com discentes com Transtorno do Espectro Autista, uma vez que não tiveram formação específica nesta temática e os que tiveram foram muito insignificantes. Nesta situação, percebe-se a incontestável distância entre o que assegura a lei e o que ocorre na prática.

Sistematicamente são matriculados discentes em salas cujo docente não tem condições de efetivar um trabalho adequado e isto traz prejuízo para o discente, comunidade escolar e família. É imprescindível que o docente conheça as características das crianças com transtorno/autismo para que possa trabalhar as habilidades necessárias ao seu desenvolvimento.

Práticas Pedagógicas Utilizadas para Promover a Inclusão

De acordo com os dados pesquisados, os docentes destacaram a importância do planejamento realizado pela equipe escolar para o desenvolvimento de um trabalho dentro de uma rotina. Vejamos a seguir mais um relato que nos aponta este ponto de vista:

—“Planejo as atividades dentro de uma rotina para que o discente elabore hábitos: trabalho com músicas, histórias, atividades em grupos, jogos e bastante material visual.” (Relato 06).

Desta maneira, conclui-se que se aplicam estratégias apropriadas para a inclusão desses discentes de forma eficaz e que deste modo, possam contribuir de forma significativa capaz de proporcionar aos discentes com TEA o desenvolvimento e a inserção na sociedade.

A inclusão se concretiza na sala de aula. A visão do professor e suas ações pedagógicas respaldam a perspectiva inclusiva, dando sentido ao trabalho realizado em sala de aula em prol da socialização, integração e desenvolvimento do aluno autista. O planejamento caprichoso do docente deve considerar estratégias de desenvolvimento para todos os discentes, procurando sempre efetivar um trabalho interativo que beneficie a socialização.

[...] a educação caracteriza uma vivência específica, social, política vasta e extensiva, tendo em consideração seus objetivos e implicações para seu bem-estar e cidadania. No que diz respeito ao TEA, as possibilidades educacionais desempenham função essencial para o desenvolvimento e inclusão social em distintos contextos, colaborando para o reconhecimento da pessoa como cidadão no seu ambiente sociocultural (Kelman *et al.*, 2010, p. 221).

Desta maneira, é legítimo perceber a relevância da escola para o desenvolvimento do discente com transtorno do espectro autista, competendo a própria oferecer a este um ambiente acolhedor, habilitado para lhe favorecer uma provável socialização.

Medidas Necessárias à Inclusão de Alunos com TEA nas Escolas

Através dos relatos apresentados pelos docentes nesta categoria percebeu-se que os avanços e as conquistas que a Política Nacional Especial da Educação Inclusiva (Brasil, 2008) garante aos discentes com Transtorno do Espectro Autista, não vem se implementando nas escolas por falta de algumas práticas, entre outras coisas destacamos formação profissional, adaptação do ambiente escolar, recursos e materiais pertinentes. Dentre vários fatores, foi enfatizada a urgente necessidade de mais formações para os docentes, pois é um fator considerado primordial para a qualidade do atendimento aos alunos autistas. Vejamos o que dizem alguns docentes:

—“A disponibilização de recursos financeiros e capacitações permanentes para os professores por parte da secretaria de estado educação, haja visto que a gestão da escola trabalha com recursos mínimos para o trabalho com os alunos portadores de necessidade

especiais, no entanto, procuramos trabalhar de forma inclusiva respeitando os princípios de respeito e igualdade dos alunos portadores de necessidades especiais.” (Relato 07).

—“A autêntica inclusão de discentes com Transtorno do Espectro Autista se promoverá realmente quando os docentes receberem formação específica, quando as escolas forem equipadas e exista em todos os indivíduos um espírito acessível e aberto à recepção, à compreensão e ao respeito as diferenças.” (Relato 08)

Não se pode subestimar que a formação profissional é de suma importância, pois quando o docente conhece bem as características do transtorno ou deficiência de seu discentes terá mais habilidades para desenvolver um trabalho mais eficiente. No entanto, não podemos esquecer as ações que acontecem no contexto escolar, como o planejamento, adequação de conteúdo e material, confecção de visual, dentre outros, que podem cooperar significativamente para a inclusão do aluno autista.

[...] para uma educação terminantemente inclusiva torna-se necessário que o processo educativo seja desenvolvido com início da recriação da prática pedagógica, da relevância dada à ação e à centralidade do cidadão, a plasticidade da estrutura metodológica, a participação de todos (Baptista, 2002, p. 109).

Por esta razão, a inclusão de discentes especiais envolvem múltiplas ações que podem ser adotadas não só no âmbito escolar, mas que exigem políticas amplas que envolvam construção de conhecimento, formação continuada de docentes e gestores, recursos para adequação de espaços e adquirir materiais didáticos pedagógicos que contribuam para uma ação docente mais dinâmica e atrativa que culminem no desenvolvimento dos alunos especiais.

A rede de ensino tem melhorado significativamente em relação a inclusão de alunos especiais, mas, ainda precisamos de ações nas diferentes áreas sociais buscando romper com a cultura do preconceito contra as crianças com transtornos ou deficiências, em que as diferenças sejam respeitadas e as demandas de todos os discentes sejam respondidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade desta pesquisa teve como norte alguns pontos principais; caracterizar as estratégias e examinar sua aplicabilidade na sala de aula pelos docentes que trabalham com discentes autistas, com interesse de fazer acontecer uma educação inclusiva de qualidade em uma escola pública de Redenção-CE. Do mesmo modo os principais desafios encontrados pelos docentes e as estratégias de ensino utilizadas pelos mesmos para o processo de inclusão destes discentes. Debatendo além do mais, a relevância da escola para o desenvolvimento de tais discentes.

Após as análises dos questionários pôde-se constatar a grande realidade vivida hoje na escola analisada e são evidentes o despreparo e a falta de conhecimento dos profissionais quanto a informação e manifestação do autismo. Os docentes têm conhecimento superficial das características e interação sobre o espectro do autismo, conseqüentemente apresentam receio ao receber discentes autistas em sala de aula devido os mesmos possuírem complexidades na aprendizagem, na linguagem oral, no contato visual e em informa-se e se aprofundar nas peculiaridades do autismo. Ainda assim, sabe-se que a formação e as informações destes docentes não são suficientes para se trabalhar de maneira adequada e considerável com tais discentes.

Para que a criança autista amplifique suas habilidades é fundamental uma estrutura escolar apropriada, com preparação profissional de todos os comprometidos no processo educativo. Como o discente autista tem dificuldades de se amoldar ao universo externo, a escola deve refletir na adaptação do contexto. Não há unicamente salas de aulas inclusivas, mas sim escolas inclusivas. Por esta razão, é necessário que a escola construa uma rotina de situação no tempo e no espaço como estratégias de adaptação e desenvolvimento desta clientela.

Vale destacar que no decorrer da aplicação do questionário foi possível notar a necessidade dos docentes em terem acesso a curso de construção do conhecimento bem como apoio de profissionais como psicólogos e neurologistas, tendo em vista que o estado

do Ceará só disponha de um Núcleo de Atenção à Infância e Adolescência (NAIA) do Hospital de Saúde Mental Prof. Frota Pinto (HSM) ligado à Secretaria da Saúde do Ceará (SESA). Em vista disso, é que os profissionais da educação, em especial os docentes se sintam mais inseguros em relação a esta deficiência. As formações que são oferecidas aos docentes ainda são irrelevantes em face da necessidade apresentada.

Por fim, vislumbrou-se a indispensabilidade de expandir os estudos nesta área através de mais pesquisas que foquem na realidade vivida por docentes e discentes no espaço escolar e, desse modo, a inclusão escolar destes pode sim desenrolar-se com êxito.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTE, C. R. A inclusão e seus sentidos: entre edifícios e tendas. In: BAPTISTE, C. R. (org.) Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2006, p. 93
- BEYER, H. O. A educação inclusiva: ressignificando conceitos e práticas da educação especial: Revista inclusão, 2, 8-12. 2007.
- BOSA, Cleonice Alves. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In: BAPTISTE, Cláudio; BOSA, Cleonice (org.) Autismo e educação: atuais desafios. Porto Alegre: Armed, 2002, p.26
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>. Acesso em 07 de jul. 2015.
- CORREIA, L. de M. (1999); apud MORGADO, José Carlos. Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares. Porto. 2008.
- GAUDERER, E. C. Apud PRAÇA, E. T. P. O. Uma reflexão acerca da inclusão de alunos autistas no ensino regular. 2011. Disponível em <file:///C:/Users/Neuton/Downloads/AUTISMO%20REGULAR.pdf>. Acesso em 23 de set. de 2015.
- GIARDINETTO, A. R. S. B. Comparando a interação social das crianças autista: as contribuições do programa TEACCH e do currículo funcional natural. Universidade Federal de São Carlos, UFS-CAR, 2005
- ANNER, L. apud. KELMAM, C. A. ALBUQUERQUE, D. e BARBATO, S. - Organizadoras. Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar. Brasília, Editora UnB, 2010.
- _____ (1943). Autistic disturbance of affective contact. *Nervous Child*, 2, 217 – 250
- KELMAM, C. A. ALBUQUERQUE, D. e BARBATO, S. – organizadoras. Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar. Brasília, Editora UnB, 2010.
- KLIN, A. Autismo e Síndrome de Asperger: uma visão geral. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. V. 28 p. 3 -11, 2006.
- LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. de A. Fundamentos de Metodologia Científica. 5 Ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MENEZES, A. R. S. Inclusão escolar de alunos com autismo: quem ensina e quem aprende? Dissertação de Mestrado, UERJ, 2010.
- MORGADO, J. C. Identidade e Profissionalidade Docente: sentidos e (im)possibilidades. Ensaio, Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Rio de Janeiro, 2011.
- RUTER, M. Diagnosis and definition. (IN:) RUTER, M; SCHOPLER, E. (orgs.). Autism: a reappraisal of concepts, and treatment. New York: Plenum Press, 1979.
- TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais, a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas.

Sobre o Autor

Antonio Eudes Mota

Possui Mestrado em Ciências da Educação. Doutorando em Ciências da Educação. Graduado em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú (2024). Licenciatura Plena em Letras pela Faculdade Kurios (2015). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura. Pós-graduação em Alfabetização e Letramento. Especialista em Neuropsicologia.

Índice Remissivo

A

acessibilidade 21, 22
adaptação 17, 22, 33, 35
adequação 17, 34
adequada 10, 19, 21, 22, 35
alunos autistas 12, 30, 33, 37
alunos especiais 30, 34
ambiente acolhedor 33
ambiente escolar 33
aprendizado 11, 20, 22
aprendizagem 11, 17, 22, 23, 24, 30, 35
atendimento 20, 21, 30, 33
atividades 15, 18, 22, 32
atuação docente 10
autismo 10, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 23, 24, 29,
30, 31, 32, 35, 37

C

capacitação 23, 30
comando instrucional 18
comandos 17, 18, 19, 20
comunicação 13, 15, 22, 29
comunidade escolar 21, 23, 24, 31, 32
conhecimento 12, 21, 23, 24, 29, 30, 31, 32, 34, 35
contexto escolar 17
crianças autistas 10, 16
currículo 21, 23, 24, 37

D

demandas 18, 34
desafios 21, 23, 29, 30, 31, 35, 37
desenvolvimento 11, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 30, 32,
33, 34, 35
diagnóstico 11, 27

dificuldades 10, 12, 17, 21, 22, 30, 35
discentes autistas 10, 12, 13, 17, 20, 21, 23, 24, 25, 31,
35
docência 10, 13
docentes 10, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 20, 21, 23, 26, 29,
30, 31, 32, 33, 34, 35, 36

E

educação 10, 12, 13, 21, 22, 23, 24, 25, 30, 31, 32, 33,
34, 35, 36, 37
educacional 11, 13, 16, 17, 20, 22
empatia 17
ensino 20, 22, 24, 34, 35, 37
escola 11, 12, 13, 22, 23, 24, 26, 27, 30, 31, 33, 35
espectro autista 10, 12, 29, 30, 33
estratégias 10, 11, 12, 15, 21, 23, 24, 29, 31, 33, 35
exigências 21, 22, 23, 24

F

formação 11, 12, 17, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 30, 31, 32,
33, 34, 35

I

inclusão 10, 11, 12, 13, 20, 21, 22, 29, 30, 31, 32, 33,
34, 35, 36, 37
inclusiva 10, 11, 12, 21, 22, 23, 24, 31, 32, 33, 34, 35,
37
inovação 17, 23
instituição escolar inclusiva 22
interação 11, 16, 19, 22, 23, 24, 30, 35, 37
interativas 22
intervenção 20, 24, 29

L

limitações 11, 19

M

metodologias 21

N

necessidades especiais 10, 11, 12, 21, 23, 34

P

participação 17, 20, 34

peculiaridades 17, 24, 30, 31, 35

peças autistas 21

processo educativo 23, 31, 34, 35

processo inclusivo 21, 30

profissionais 10, 12, 13, 17, 18, 21, 22, 23, 35, 36

S

sala de aula 10, 11, 21, 23, 29, 31, 32, 33, 35

sensibilidade 12, 15, 21, 22, 23, 25

síndrome 10, 14, 15

socialização 16, 21, 29, 30, 33

T

transtorno 12, 15, 24, 29, 30, 31, 32, 33, 34



AYA EDITORA
2024